

Gozos cruéis – desejar o impossível para além de uma soberana crueldade

Cruel jouissances – desiring the impossible beyond sovereign cruelty

Gozos crueles – desear lo imposible más allá de una soberana crueldade

Jouissances cruelles – désirer l'impossible au-delà d'une souveraine cruauté

GLAUCIA PEIXOTO DUNLEY

Caros colegas e amigos,

Ao mesmo tempo em que reafirmo nossa hospitalidade incondicional aos participantes dos Encontros Latino-Americanos de Psicanálise, na UERJ, neste segundo dia dos Encontros, gostaria de convidá-los a tratar de um tema que considero visceral para a psicanálise, sobretudo para os psicanalistas que estão presentes no mundo contemporâneo por seu desejo, por sua ética e por sua política. *Y esta no es una retórica cualquiera, sino la retórica del deseo inconsciente del psicoanalista en sintonía con su tiempo.*

Este tema é a crueldade, um tema político e psicanalítico, entre outros, que precisa se apresentar aqui em sua urgência de pensamento, exigindo avançar na teoria freudiana, que o limitou nomeadamente às estruturas clínicas, sobretudo a da perversão e a seus modos cruéis de gozar e fazer gozar através do sofrimento, como também a outras estruturas, neuróticas e psicóticas. Evidentemente que Freud a ela se refere de forma exaustiva em seus textos metapsicológicos da segunda tópica e aos textos ditos de Cultura, mas sem teorizá-lo nas estruturas sociais e na complexa e conflituosa relação entre o sujeito e a cultura.

Relembro que, na primeira tópica, Freud, em 1905, prefigurou a crueldade como uma das formas de satisfação parcial das pulsões, derivando-a da agressividade e da pulsão de domínio. Entretanto a partir da formulação da pulsão de morte (1920), ele a situará como uma modalidade de satisfação pulsional (gozo em Lacan), resultante do conflito acirrado entre as instâncias ou sistemas psíquicos da primeira tópica e as estruturas da segunda. Em “As servidões do eu”, subcapítulo do “Eu e o isso” (1923), Freud nos ensina que o principal alvo da crueldade psíquica é o próprio eu, procurando com isso dar conta teoricamente dos gozos cruéis a que o sujeito está submetido, ou submete o outro.

Lacan vai além de Freud, e me permite trazer aqui outros gozos, uma vez que a crueldade transborda a dimensão clínica e se derrama com sangue, muito sangue, ou sem sangue (pura crueldade psíquica), inscrevendo-se na linguagem, nas estruturas sociais, institucionais, nas brechas das leis, na inconsistência dos pactos e das normas, de maneira universal, onipresente em uma época de exibição sem fim da violência, de sua espetacularização e monetização.

A crueldade se revela como um pacto no lugar em que o Outro falha (como sempre falha), desmentindo sua completude e consistência, fazendo emergir tentativas de tamponar essas falhas ou vacilações. Falha mais em sociedades como a brasileira, em que o racismo é estrutural e o Estado investe contra as populações pobres e negras. O próprio Estado as abandona aos bandidos do narcotráfico e à sua violência letal (polícia militar e milícia), materializando então um pacto da crueldade, uma necropolítica (MBEMBE, 2018) entre parcelas distintas da sociedade em lugares onde ocorre ruptura do pacto civilizatório, da lei, do simbólico que torna o real mais suportável, se eu posso dizer assim.

Em lugar da repactuação do pacto simbólico, fazendo a palavra circular e não a bala, este pacto sociopolítico de morte, tendo como agente a crueldade, se reflete na desigualdade de renda, de acesso ao conhecimento, na exclusão dos bens de consumo, inclusive imaterial, como a cultura, no racismo, no assassinato, no extermínio de jovens negros nas favelas e periferias com o álibi de combater o narcotráfico, que sabemos ser mais rentável globalmente do que a indústria armamentista. Com este álibi de uma “guerra às drogas” os jovens passam a ter o estatuto de mercadoria, um “mal do consumo” no circuito poderoso do narcotráfico, sendo os atuais bodes-expiatórios da tragédia social brasileira, seja através da necropolítica (uma política da morte rápida e sempre violenta para os alvejáveis locais do sistema capitalista neoliberal), seja através do encarceramento

em massa de pequenos traficantes, ou apenas suspeitos, que ficam aprisionados sem processo, e sem perspectiva de futuro sendo ali mesmo aliciados pelo tráfico.

Deste modo, acolho angustiadamente em minha fala esta *hóspede hostil*, inclusive hostil e refratária à psicanálise em Freud, que pouco se ocupou dela para além da clínica, resistindo a ela, inclusive no seu corpo teórico (que precisa ir além do gozo sádico e do gozo masoquista, ou seja, para além das estruturas clínicas, embora ele tenha assentado a sua condição de possibilidade ao formular a pulsão de morte); e se debruçar sobre a banalidade do mal cotidiano, esparramada nas práticas sociais, onde ela se manifesta como uma força estrutural irreduzível à simbolização se compreendida como indissociável da pulsão de morte (DERRIDA, 2001), um resto não educável da vida pulsional que resiste à narrativa civilizatória, fundamentando a violência estrutural, a desigualdade radical, a ruína ou as rupturas incessantes do pacto social, podendo ser considerada como um dos nomes do real. Jacques Derrida é um autor que pode nos fazer avançar no tema da crueldade ao convocar os psicanalistas em 2000, na Sorbonne, para se debruçarem sobre este tema que supera o próprio Freud, Lacan, Foucault e Agamben ao considerá-la uma figura estrutural do poder, pensada na interseção entre soberania, lei, vida e morte sob a ótica da psicanálise. Para Derrida, deslocando Carl Schmitt, soberano é aquele que decide sobre o estado de exceção. O que implica em decidir quem conta como sujeito, quem pode ser excluído da proteção da lei, quem pode ser deixado morrer ou feito morrer. Assim, a crueldade não é um desvio desse poder, mas sua condição de possibilidade. Ela é soberana porque não precisa se justificar, não presta contas, não se reconhece como violenta. A crueldade soberana é a violência no ponto em que a lei se suspende a si. Derrida é bem preciso ao se afastar de Freud e Lacan. Esta soberana crueldade não é gozo do mal (sadismo) mas uma crueldade fria, administrativa, que não tem rosto, operando como um automatismo soberano. Daí surgir o enlace necessário com Hanna Arendt em sua riquíssima ideia da banalidade do Mal. E mais atualizadamente, quando vemos as biopolíticas modernas e pós-modernas infiltradas pelo poder soberano, biopolíticas do biopoder (FOUCAULT, 2010), podemos talvez dizer que a soberana crueldade é o ponto em que o poder (o biopoder) goza sem saber que goza, mais radicalmente ainda, ponto onde o poder goza ao se declarar racional e humanitário (vide biopolíticas da saúde, grupos de vacinação).

Esta hóspede ou convidada de primeira e de última hora é a crueldade. Digo de última hora porque até o fim eu resisti a convidá-la para fazer parte de nosso Encontro

Latino-Americano de Psicanálise nomeando-a com todas as letras para mais aproximá-la dos psicanalistas que vão ou são tentados a ir além da clínica em consultório e em instituições, aventurando-se a céu aberto em lugares imprevisíveis, locais perigosíssimos de conflito entre traficantes, milicianos e polícia a 20 km da Zona Sul do Rio de Janeiro. Certamente ouvimos ontem aqui incríveis testemunhos e tentativas de elaboração para encontrar os “caminhos indiretos” de que nos fala Freud em “Porque a guerra?” (FREUD, 1932) para combater a pulsão de morte. Esta cumplicidade por omissão com o mal radical, com o horror, que Jean Ziegler chama de *império da vergonha*, em livro do mesmo nome (ZIEGLER, 2005), precisa acabar. E sem a contribuição da psicanálise não haverá um discurso crítico, original e originário sobre a crueldade no qual ela é constitutiva do sujeito singular e da espécie.

A estranheza e o mal-estar que me vem ao introduzir o tema da crueldade, que nos é tão *intimamente* familiar e ao mesmo tempo tão estranha, porque precisamos recalculá-la, é decididamente infamiliar teoricamente, pois embora queiramos nos achegar a ela empiricamente em nossas aventuras psicanalíticas da escuta, onde reina o risco, não nos autorizamos ainda a *tomar como objeto teórico a crueldade da vida cotidiana*, sua onipresença se expressando das mais variadas formas e intensidades, tal como Freud fez com o sonho, o prazer, os objetos banais da “psicopatologia da vida cotidiana”.

Isto me faz dizer que a psicanálise e os psicanalistas de hoje, os latino-americanos *por excelência*, pelos seus banhos de sangue colonizadores e por suas ditaduras, não podem mais recuar diante dela, da sua análise estrutural em relação à pulsão de morte e de sua análise social e política que exigem tomadas de posição éticas. Não pode haver mais silêncio nem omissão em uma possível resistência da psicanálise ao que lhe é mais próprio, a crueldade, nem pela refratariedade deste objeto excessivo, o real da crueldade, que é indissociável da pulsão de morte, segundo Derrida. Mas isso se pode discutir, sem deixar de admitir que ela é pulsionalmente constitutiva do psiquismo (Freud) e estruturalmente da vida social em geral (Lacan).

Esta omissão da psicanálise, e não sei se o posso dizer, em fazer da crueldade um objeto de estudo principal, ou seja, uma pulsão situada por Freud no início de todas as pulsões (FREUD, 1905), nem de vida nem de morte, mas indissociável da pulsão de domínio (que não possui como objetivo fazer sofrer na primeira tópica), e da pulsão de morte na segunda, quando a pulsão de domínio se transforma em pulsão de poder, de apoderamento e jugo sobre o outro, sobre a natureza, nos levaria talvez a elaborar um

outro discurso estrutural, o da crueldade. Ele embasaria (fundamentaria) inclusive, a meu ver, o discurso do capitalista, e quem sabe todos os outros discursos. Uma vez que a crueldade, segundo Lacan, está inscrita na linguagem. Penso na equivocidade da linguagem e nos duplos sentidos, para começar.

Esta convocação aos psicanalistas para analisar e resistir aos acontecimentos cruéis de nosso tempo foi feita por Jacques Derrida em sua conferência performática em julho de 2000, no auditório da Sorbonne, ou seja, há exatos 25 anos. Eu estava presente e faço questão de fazê-la reverberar aqui. Diante de aproximadamente 1000 psicanalistas do mundo inteiro, dos quais duzentos eram brasileiros e muitos eram latino-americanos de outros países, ele, o *Estrangeiro*, como ele próprio gostava de se colocar, evocando para si uma alteridade radical, sem pátria, sem nacionalidade, nos lançou uma convocação.

Naquela ocasião/convocação, Derrida repetiu insistentemente de forma teatral, sem fôlego, o significante “sem álibis”. Sem álibis para os psicanalistas continuarem deixando de lado os acontecimentos cruéis de seu tempo, diria eu, que só aumentaram com as crises sucessivas do capitalismo global, principalmente a de 2008 (ou seja, oito anos depois daquela conferência em Paris), originada nos EUA pela falência do banco Lehman Brothers após colapso da super bolha imobiliária, e através da qual nos tornamos todos mais devedores do Império. A proclamação então dos “reajustes estruturais” atingiu todas as economias, sendo que as economias mais periféricas se tornaram mais desiguais ainda, e eventuais terroristas pela disseminação cruel e internacional do terrorismo como forma de criminalização da xenofobia, da exclusão e discriminação de povos, das desigualdades sociais aumentando a níveis inacreditáveis. Haja vista a Palestina hoje.

Somos todos cruéis e sempre o fomos, “herdeiros de uma horda de assassinos”, diz Freud em “O futuro de uma ilusão” (1927), exterminando qualquer ilusão sobre uma eventual bondade humana como virtude constitutiva ou inata, e interpelando nas entrelinhas o que é o humano. Ao desfechar mais esta ferida narcísica, Freud torna a psicanálise altamente incômoda às consciências comuns, e nos cabe reconhecer que ela (esta ferida) foi elevada por Freud à enésima potência da repetição ao abri-la de forma científico-mitológica com a escrita em 1912 de “Totem e Tabu” e mantendo-a aberta e sangrando desde tempos imemoriais pelo gozo da crueldade que não cessa de não se inscrever e, portanto, de se repetir como via preferencial do excesso pulsional.

A crueldade é o real que não muda! E isso é assustador! Experimentamos o *Phobos* dos antigos trágicos diante desse real que não muda, que é refratário apesar de toda arte e de toda resistência simbólica presente em atos declaratórios como “Tortura Nunca Mais”. Entretanto, sem essas direções éticas, artísticas e políticas, não poderíamos perseverar para tentar criar brechas ou desvios neste real da crueldade. Veremos mais alguma coisa adiante nos “caminhos indiretos” que Freud nos propõe na sua interlocução sempre atual e poderosa com Einstein em “Por que a guerra?” em 1932.

Proponho que a crueldade seja retomada como discurso pela psicanálise e possa ser causa de desejo para construirmos juntos uma “grande política” da psicanálise na América Latina, ao que enlaço o conceito de Grande Saúde em Nietzsche, conceito que admite o sofrimento, a doença, a crueldade, a afirmação da vida apesar de todas as dores, e que teria como objetivo utópico a *Grande Saúde da Psicanálise na América Latina*, capaz de admitir e resistir à fome como máquina lenta de extermínio (ZIEGLER, 2013), às doenças do corpo e da alma, da espoliação crescente pelo capital neoliberal rentista, do sofrimento desmesurado, da banalidade do mal em Gaza, dos horrores da política global do narcotráfico que semeia genocídios nas periferias e favelas do Brasil e nos cinturões de pobreza das grandes metrópoles globais, reconhecendo a dívida simbólica que temos com os nossos povos, e com os oprimidos do planeta, e nos responsabilizando por isso coletivamente, não apenas com os nossos pares mas com nossos ímpares!

Este “sim ao mundo”, que supera o “não da omissão”, já foi dado por muitos psicanalistas, e nos tem feito avançar nas 2-3 últimas décadas para fora de nossos consultórios, de nossas Escolas ou Sociedades de psicanálise, ou de nossos esplêndidos isolamentos, na direção da luta contra o fascismo eterno, no combate à opressão dos povos vulnerabilizados do mundo pelas desgraças do neoliberalismo, assim como no combate às políticas de esquecimento de nossos acontecimentos cruéis como as ditaduras militares e cívico-militares pelas quais todos aqui passamos, ou delas descendemos como filhos ou netos, ou como cidadãos de povos continuamente ultrajados pela violência de Estado.

Considero fundamental a resistência dos psicanalistas contra as manifestações sem fim do mal radical e de sua banalidade cotidiana, seja em suas análises/experiências psicanalíticas com seus analisantes, seja em suas análises críticas e propositivas de “caminhos ou meios indiretos” para combater a pulsão de morte e sua indissociável crueldade. Na esteira do que disse Freud a Einstein no sempre maravilhoso “Por que a guerra?”, Freud responde ao outro gênio, aliás, muito a par da psicanálise, que seria

impossível extirpar o mal que nos habita e que nos constitui – *der Destruktionstrieb* –, uma das primeiras nomeações da pulsão de morte, mas que poderíamos encontrar *desvios ou caminhos indiretos* para combatê-lo. Em outras palavras, poderíamos pensar táticas de Eros para retardar o retorno precoce ao inorgânico, à morte, tão presente nas populações periféricas e de favelas entregues aos bandos, nos fazendo escolher esse horizonte ético, essa direção ética apontada por Derrida como um desejar para além da pulsão de morte, um para além de uma soberana crueldade do eu e do Estado Nação, desejando o impossível que é combater a crueldade pelo nascimento de um sujeito ético, singular e coletivo. Isso exigirá a presença dos analistas com sua escuta, sua disponibilidade, sua coragem!

Para isso, para pactuar esta pressentida ou sonhada Grande Saúde da Psicanálise na América Latina, como um bloco político-psicanalítico, e, talvez sem o saber, vocês tenham saído de suas cidades e países, e também por isso os acolhemos, como estamos fazendo agora na UERJ, para assumirmos juntos este mal-estar coletivo, continental, nosso mal-estar da civilização na vigência de sistemáticas rupturas do pacto civilizatório em vários lugares do mundo, como em Gaza, que virou metáfora para o impensável que acontece diariamente nas favelas do Rio de Janeiro, muitas delas se autodenominando *Faixa de Gaza*, num reconhecimento trágico da brutalidade, do abandono e da letalidade sem limites do Estado.

São incontáveis os inevitáveis encontros-desencontros com os acontecimentos cruéis de nosso tempo... Os rastros das ditaduras latino-americanas, tempo sempre inacabado e irreconciliado, e que deixa herdeiros monstruosos como instituições não reformadas, como as polícias, tempo que acolhe o tempo sombrio do neoliberalismo. Este último é um tempo *hard*, fazendo coexistir a violência armada mortal pelos interesses econômicos abusivos e retaliadores dirigidos pelo *Império Trump* à Venezuela e a nós brasileiros, e alianças satânicas com o governo sionista de extrema-direita de Israel contra os palestinos, mas também é um tempo *soft* da crueldade na violência mortífera da palavra ameaçadora e fraudadora/*fake* nas redes sociais disponibilizadas pelas *big techs* sem controle ou regulação soberana, da guerra híbrida, gerando humilhação e escassez de valores como a dignidade de um povo.

Torno explícito o risco de ocuparmos a função de psicanalistas, que exige cada vez mais de nós uma tomada de posição política na sociedade, no mundo, e que trata também de vida e morte nos encontros imprevisíveis que possamos ter. Como então nos

haveremos com ela, com a crueldade? Por que eu teria usado a expressão “por excelência” para qualificar os psicanalistas latino-americanos em sua tarefa ética e política inarredável de não recuar diante do enfrentamento da crueldade e dos acontecimentos cruéis de nosso tempo?

Somos ajudados paradoxalmente por um luto comum a fazer, um luto coletivo que nos enlaça através das cruéis ditaduras que todos atravessamos em nossos países, pelos horrores dos torturados, de suas famílias, dos assassinados, elevando aqui a categoria dos desaparecidos políticos ao maior grau de crueldade psíquica que um regime pode infligir a um povo, às famílias e amigos dos desaparecidos. Nomeando agora este luto a fazer, juntos, acredito que cimentamos com palavras e intensidades nosso memorial simbólico que poderá transformar psicanalistas latino-americanos naquilo que eles são: um bloco político-psicanalítico que assume o deslocamento do eixo da psicanálise da Europa, onde ela nasceu e agora agoniza nos tempos sombrios do neoliberalismo, para a América Latina onde ela é e sempre foi vigorosa, apesar dos muitos pesares. Só assim talvez nos tornemos de fato *hermanos*, descendentes diretos da deposição de *Ridículos Tiranos*, criando um parentesco de sangue para além da língua e da geografia.

Proponho ir do luto coletivo da América cruelmente colonizada, escravizada, ditatorializada à grande política da psicanálise no Sul Global que tem como primeira tarefa não esquecer o seu passado, elaborá-lo sempre, para tentar chegar à verdade, à justiça e à reparação em vários contextos, principalmente estendendo-a aos descendentes das hordas de torturadores que são hoje agentes exterminadores das populações das favelas e das periferias brasileiras. Falo das polícias militar e civil, da formação dos militares em geral, cujas instituições não passaram pelas necessárias reformas na redemocratização, como um dos quesitos essenciais da Justiça de Transição da Ditadura para a Democracia, deixando-a inconclusa, para além de processar e condenar todos os carrascos. Meta que estamos em vias de conseguir atingir pela primeira vez na história de nosso país com a condenação e prisão dos fascistas do *8 de Janeiro de 2023*, entre eles, o ex-presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, já preso, assim como 4 generais de alta patente e um almirante, além dos executores de baixa estirpe do mal radical. Tornou-se também da maior clareza para a nossa agora Pátria soberana, que enfrentou o Império e seu escabroso tarifaço punitivo, combater o crime organizado que habita o Planalto Central, infiltrado nos poderes judiciário e legislativo, empresas e o mais.

Deste modo, tenhamos sido ou não contemporâneos e, portanto, testemunhos diretos e indiretos, filhos e netos das ditaduras, experimentamos permanentemente seus rastros de destruição através da violência de Estado que nos assola e assombra com os espectros de ditadores e torturadores instalados psiquicamente e transgeracionalmente em nossas vidas e países, mesmo que de uma forma mais infiltrante nos últimos 60-50 anos. São os poderes sombrios das guerras híbridas, das *big techs* que nos transformam de vez em mercadorias roubando nosso estatuto de sujeitos singulares e coletivos, sujeitos latino-americanos!

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a Vida Nua. Ed. UFMG, 1997.
- ARENDT, Hanna. **O julgamento de Eichmann em Jersusalém** – um relato sobre a banalidade do mal. Companhia das Letras, 2022.
- DERRIDA, Jacques. Estados da alma da psicanálise – para além de uma soberana crueldade. São Paulo: Escuta, 2001.
- DERRIDA, Jacques; DUFOURMANTELLE, Anna. **Da hospitalidade**. São Paulo: Ed. Escuta, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Curso ministrado no Collège de France, em 1977/1978
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado em 1979 no Collège de France. Edições 70, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.
- FREUD, Sigmund. “Tres ensayos para una teoría de la sexualidad”. (1905). Tomo 1.
- FREUD, Sigmund. “Totem y tabu” (1912). Tomo 1.
- FREUD, Sigmund. “Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte” (1915). Tomo 2.
- FREUD, Sigmund. “Más allá del principio del placer” (1920). Tomo 2.
- FREUD, Sigmund. “El problema económico del masoquismo” (1923). Tomo 3.
- FREUD, Sigmund. “El yo y el ello” (1924). Tomo 3.

FREUD, Sigmund. “El porvenir de una ilusión” (1927). Tomo 3.

FREUD, Sigmund. “El malestar en la cultura” (1929). Tomo 3.

FREUD, Sigmund. “El por que de la guerra” (1932). Tomo 3.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica** – biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. N-1 Edições, 2018

PATURÊT. Jean-Bernard. **Au-dela de Freud** – Une culture de l'extermination: Ed. Cerf, 2009.

ZIEGLER, Jean. **L'empire de la honte**. Paris: Fayard, 2005.

ZIEGLER, Jean. **Destruição em massa** – Geopolítica da fome. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

GLAUCIA PEIXOTO DUNLEY

Psicanalista.

Médica.

Professora Colaboradora do Mestrado Profissional em Psicanálise e Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro– UERJ, campus Zona Oeste.

Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Pós-doutoramento em Comunicação e também em Teoria Social Crítica, ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Pós-doutoramento no Instituto de Medicina Social, Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Publicou muitos artigos e ensaios na confluência da psicanálise com a cultura e a filosofia. Entre eles: *O silêncio da Acrópole – Freud e o trágico* (Ed. Forense Universitária/Ed. Fiocruz, 2001), *A festa tecnológica – o trágico e a crítica da cultura* (Ed. Fiocruz/Ed. Escuta, 2005), *Superações do pós-moderno: Crítica e clínica da cultura – pensamentos e ações* (Estação Utopia, 2013) e *Psychanalyse et utopie* (EUE, L'Hatmattan).

glauciadunley@gmail.com

Orcid: 0000-0001-5172-7435

Citação:

DUNLEY, Glaucia Peixoto. Gozos cruéis – desejar o impossível para além de uma soberana crueldade. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2025.

* Texto apresentado no Encontro Latino-Americano de Psicanálise, ocorrido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro entre os dias 29 e 30 de agosto de 2025.

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

